
O TURISMO E SUAS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS: o caso de Raposa – Maranhão

Alex Nunes **SILVA**
Universidade Estadual do Maranhão
Email: alexnunes_18@hotmail.com; Orcid: 0000-0003-3690-7184

Histórico do Artigo:
Recebido
Agosto de 2020
Aceito
Novembro de 2020
Publicado
Dezembro 2020

RESUMO: O município de Raposa localiza-se na Ilha do Maranhão, em conjunto com os municípios de São Luís, São José de Ribamar e Paço do Lumiar. Raposa tem a sua história vinculada à pesca e à renda de bilro, sendo o resultado de anos de tradição trazida por pescadores cearenses e suas esposas, respectivamente. Buscou-se compreender o desenrolar de parte do cotidiano vivido em Raposa, associado a atividades como a pesca, a renda de bilro e o turismo, esse último enfatizado enquanto prática socioeconômica que dinamiza parte dos moradores, aspecto destacado nos relatos dos promotores turísticos que atuam nas Agências de Passeios Náuticos, das mulheres rendeiras, do Secretário municipal de Turismo e dos turistas. Desse modo, este artigo tem como objetivo analisar, a partir das suas práticas socioespaciais, o turismo em Raposa, propiciando um olhar acerca das qualidades e problemáticas do turismo local, a partir dos agentes espaciais supracitados. Percebeu-se que, dentre os promotores turísticos das Agências de Passeios Náuticos entrevistados, todos já atuaram nos ramos da pesca ou da renda de bilro. Há, ainda, uma diminuição no número de lojas de renda de bilro, além da falta de divulgação das potencialidades turísticas de Raposa em outras localidades. Para tal, foram elaboradas entrevistas semiestruturadas com os agentes espaciais supracitados, produção de mapas temáticos, além de consultas em bibliografias sobre turismo e origem da cidade. Os resultados revelaram as carências estruturais e de promoção turística, como também as potencialidades naturais e humanas do turismo em Raposa. As falas refletem ainda a satisfação em que as rendeiras e promotores turísticos têm na desenvoltura de seus trabalhos. Raposa mostrou-se como uma Terra que, apesar das problemáticas, mantém as suas tradições a partir do conhecimento do local habitado, gerando a renda financeira que os sustentam no dia a dia e ali fazem a vida acontecer.

Palavras-chave: Turismo. Raposa. Renda de Bilro. Passeios Náuticos.

THE TOURISM AND ITS SOCIO-SPATIAL PRACTICES: the case of Raposa - Maranhão

ABSTRACT: The municipality of Raposa is located at Maranhão Island, with the municipalities of São Luís, São José de Ribamar and Paço do Lumiar. The history of Raposa is linked to the fishing and bilro lace, being the result of years of tradition brought by the fishermen from Ceará and their wives, respectively. It was sought to understand how part of the daily lived in Raposa, linked to activities as fishing, bilro lace and tourism, this last one being reinforced as a socio-economic practice that boost part of the residents, being emphasized the speeches of touristic agents that act at the Boat Tours, the *rendeiras*, the Secretary of Tourism of Raposa, besides the tourists. In this way, this paper aims to analyze, from the socio-spatial practices, the tourism in Raposa, offering a view about the qualities and the problems about the local tourism, from the mentioned spatial agents. It was realized that, among the interviewed touristic promoters from the Boat Tours, all of them have already worked with fishing or bilro lace. There is still a decrease in the number of stores of bilro lace, besides the lack of promotion of the touristic potentialities of Raposa in other locations. For that, it was made semi-structured interviews with the mentioned spatial agents, production of thematic maps, besides the research in bibliographies about tourism and the origin of Raposa. The speeches still reflect the satisfaction in which the *rendeiras* and the touristic promoters have in the resourcefulness of their jobs. Raposa showed itself as a Land that, despite the issues, it keeps its traditions based on the inhabited knowledge, generating the income that sustain themselves day by day and make the life happens there.

Keywords: Tourism. Raposa. Bilro lace. Boat Tours.

EL TURISMO Y SUS PRÁCTICAS SOCIOESPACIALES: el caso de Raposa – Maranhão

RESUMEN: La provincia de Raposa se encuentra ubicada en la Ilha do Maranhão, en conjunto con las provincias de São Luís, São José de Ribamar e Paço do Lumiar. Raposa tiene su historia vinculada a la pesca y a la producción de bilros, como resultado de años de tradición traídos por pescadores de Ceará y sus mujeres, respectivamente. Intentamos comprender el desarrollo de parte de la vida cotidiana que se vive en Raposa, vinculada a actividades como la pesca, la producción de bilros y el turismo, siendo este último enfatizado como una práctica socioeconómica que dinamiza a parte de los vecinos, centrándose en los informes de los promotores de turismo que trabajan en las Agencias de Excursiones Náuticas, de las costureras, de la Secretaría de Turismo de Raposa, además de los turistas. De esta manera, el presente artículo tiene como objetivo analizar, desde las prácticas socioespaciales, el turismo en Raposa, y ofrecer una visión acerca de las características y de los problemas presentes en el turismo local, desde los mencionados agentes espaciales. Mientras tanto, se notó que, entre los promotores turísticos de las Agencias de Excursiones Náuticas entrevistados, todos ya habían trabajado en los campos de la pesca o a la producción de bilros. También hay una disminución en el número de tiendas de producción, además de la falta de promoción del potencial turístico de Raposa en otros lugares. Para ello, se realizaron entrevistas semiestructuradas con los agentes espaciales mencionados, producción de mapas temáticos, además de consultas bibliográficas sobre turismo y el origen de Raposa. Los resultados revelaron las deficiencias estructurales, de la promoción del turismo y el potencial natural y humano del turismo en Raposa. Las declaraciones aún reflejan la satisfacción que

presentan las rendeiras y los promotores turísticos por lo innovadores de sus trabajos. Raposa se mostró como una Tierra que, a pesar de los problemas, mantiene sus tradiciones basadas en el conocimiento del lugar habitado, generando ingresos financieros que los sustentan día a día y hagan que la vida fluya.

Palabras-Claves: Turismo. Raposa. Rendas de Bilro. Excursiones Náuticas.

INTRODUÇÃO

O município de Raposa, distante cerca de 28 km do Centro de São Luís, situa-se na porção norte da Ilha do Maranhão. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2019), Raposa possuía, àquele ano, 30.761 habitantes. Na referida Ilha, ainda se localizam os municípios de Paço do Lumiar, São José de Ribamar e a capital, São Luís, ilustrado na Figura 1 abaixo. Raposa é um destino bastante frequentado pelos moradores da Ilha, que o buscam principalmente aos fins de semana e feriados, seja para lazer praiano, gastronômico ou de consumo.

Figura 1- Ilha do Maranhão.



Org: o autor (2020).

A cidade de Raposa, apesar do apelo turístico que possui, é um destino ainda pouco conhecido a nível nacional e global. No entanto, aqueles que ali desembarcam, encontram não somente as qualidades naturais, traduzidas em dunas, praias e culinária, há também a

potencialidade humana, refletida nas falas, no conhecimento do lugar onde vivem, oriundos da própria narrativa de vida que está diretamente relacionada com a própria história de Raposa.

Os conhecimentos adquiridos dessa Terra ao longo dos anos não se manifestam somente nas relações entre as rendeiras, os pescadores ou os promotores turísticos; são refletidos também nas relações econômicas, daqueles que dela obtém o seu sustento e a sua sobrevivência, fazendo com que a vida ali possa acontecer.

Dessa maneira, o turismo aqui tem o seu principal enfoque, manifestado nas lojas/pequenas fábricas de renda de bilro e nas Agências de Passeios Náuticos, protagonizado por agentes espaciais que utilizam esse segmento como fonte de renda financeira. É uma atividade explorada, majoritariamente, por aqueles que ali vivem. Nesse caso, caracteriza-se como um turismo de base comunitária, que estimula o desenvolvimento local a partir de tal prática.

O turismo comunitário é um dos elementos que caracteriza a atividade turística da cidade, feita por famílias tradicionais que ali residem, com a ausência de grandes redes hoteleiras inseridas no turismo global, onde há um intercâmbio entre moradores locais e turistas, na troca de conhecimentos, cultura e tradições locais, refletidas nos traços das rendas de bilro e nos passeios náuticos. Assim, “a riqueza do turismo está na diversidade de caminhos para sua produção e apreensão, nos conflitos e possibilidades do entendimento desse fenômeno” (CORIOLANO, 2006, p. 215).

Como bem cita a referida autora acerca da produção e apreensão do turismo, tais aspectos fazem jus à relevância deste estudo, na medida em que tenta compreender, a partir da fala dos agentes entrevistados, a origem, o perfil e as problemáticas enfrentadas pelos promotores turísticos das Agências de Passeios Náuticos e pelas mulheres rendeiras. Tais depoimentos são fundamentais para o entendimento do próprio modo de vida e dos entraves vivenciados, servindo como uma contribuição aos estudos de adoção de políticas públicas que venham a beneficiar essas comunidades que ali dinamizam a Raposa turística

Para tanto, utilizou-se como método a fenomenologia, priorizando a descrição e interpretação dos fatos narrados pelos agentes espaciais que ali vivem e trabalham, na tentativa de compreender a prática socioespacial do turismo em um destino ainda pouco conhecido, apesar de suas múltiplas potencialidades. Foram feitos registros fotográficos, mapas temáticos e consulta bibliográfica para enriquecer os resultados obtidos em campo. Também foram desenvolvidas entrevistas semiestruturadas com o Secretário de Turismo municipal, turistas, agentes que trabalham nas Agências de Passeios Náuticos, além das mulheres rendeiras.

Tais práticas são o resultado da vivência diária em Raposa, das relações familiares e das relações vizinhas, nas quais é comum a existência de famílias chefiadas por homens pescadores e mulheres rendeiras que, nos depoimentos adquiridos, revelam práticas que sugerem o significado espacial do que é viver e trabalhar em Raposa, a partir da perspectiva da prática do turismo.

Dessa maneira, esse artigo possui como objetivo analisar como o turismo se realiza em Raposa, a partir de suas práticas socioespaciais, protagonizados por seus diferentes agentes espaciais, tais como: os promotores turísticos das Agências de Passeio Náuticos, aqui identificadas como: “Agência A. T.”; “Agência G. T.” e “Agência P. N.”; o Secretário de Turismo de Raposa, identificado aqui como Sr. “E” e as mulheres rendeiras presentes no Corredor das Rendas da cidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

Considerou-se prudente utilizar o método fenomenológico, tendo como centro da discussão os próprios agentes espaciais entrevistados: rendeiras, promotores turísticos, o Secretário de Turismo de Raposa, além de turistas, categoria que, de acordo com Sposito (2004, p. 38), “é o sujeito quem descreve o objeto e suas relações a partir do seu ponto de vista, depois dele se apropriar intelectualmente”.

Nesse sentido, com o intuito de conhecer o cotidiano e os agentes espaciais entrevistados, além da observação, desenvolveram-se entrevistas, as quais, de acordo com Marconi e Lakatos (2001, p. 107), são “uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária”.

Utilizou-se o modelo de entrevista semiestruturada, em que há um roteiro previamente elaborado, porém flexível, que possibilita liberdade para que os entrevistados acrescentem ou sigam caminhos que venham a contribuir com as inquietações da pesquisa, com o intuito de conhecer mais a respeito da visão e da experiência dos agentes espaciais com o turismo de Raposa.

Desse modo, foram entrevistados o Secretário de Turismo da Prefeitura; as mulheres rendeiras; os promotores turísticos que atuam nas Agências de Passeio Náuticos; e turistas que visitavam à cidade. Foram pesquisadas as seguintes Agências de Turismo: “Agência G. T.”, tendo como entrevistada a Sra. “S”; “Agência P. N.”, tendo como entrevistada a Sra. “O” e “Agência A. T.”, tendo como entrevistado o Sr. “C”, além da Entrevistada “I” – promotora turística. Assim, foram entrevistados no total dezesseis agentes espaciais, sendo quatro

agentes atuantes nas Agências de Turismo; o Secretário de Turismo e dez turistas de diferentes cidades do Brasil e do mundo.

Para tal, detalhou-se os entrevistados e seus respectivos perfis, os quais serão identificados ao longo do texto conforme ilustrado no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1- Relação das entrevistas.

Sr. "E"	Secretário Municipal de Turismo.
Entrevistada "O"	Sócia da Agência de Passeios Náuticos "Passeios Náuticos Carimã".
Entrevistada "S"	Responsável pela Agência de Passeios Náuticos "Guia Tour Passeios Náuticos".
Entrevistado "C"	Responsável pela Agência de Passeios Náuticos "Alegria Turismo".
Entrevistada "T"	Promotora turística presente nas proximidades do Centro de Informação ao Turista de Raposa.
Entrevistado "Z"	Condutor de embarcação turística.
Entrevistada 1	Rendeira proprietária de loja de renda no Corredor das Rendas de Raposa.
Entrevistada 2	Rendeira e membra da Associação das Rendeiras de Raposa.
Entrevistada 3	Rendeira, das mais antigas em Raposa. Dona de uma loja de renda no Corredor das Rendas.
Entrevistada 4	Rendeira, dona de uma loja de renda no Corredor das Rendas.
Entrevistada 5	Rendeira, dona de uma loja de renda no Corredor das Rendas.
Entrevistada 6	Funcionária do Centro de Informação ao Turista de Raposa.
Entrevistada 7	Turista residente na Bélgica.
Entrevistada 8	Turista residente em São Luís, acompanhante da turista belga.
Entrevistado 9	Turista alemão residente em São Luís.
Entrevistada 10	Turista residente no Rio de Janeiro.

Org: o autor (2019).

Assim, destacam-se os seguintes questionamentos que nortearam a pesquisa: Você já atuou como pescador ou rendeira? Por que mudou para o ramo do turismo? Por que há uma queda na venda da renda de bilro em Raposa? Você possui outro emprego, além da renda de bilro, para complementar a renda financeira?

Traçou-se, também, a origem do turista que visita Raposa, a partir de dados impressos disponibilizados pela Secretaria de Estado do Turismo do Maranhão (SETUR/MA), entre

março de 2018 e março de 2019, e em entrevistas de campo, consubstanciando os resultados da pesquisa. Além da origem, descreveu-se o perfil desse turista, cujos resultados foram obtidos a partir de entrevistas em campo com aqueles que visitavam à cidade.

Utilizou-se como suporte bibliográfico autores que estudam a Raposa e a migração de pescadores cearenses, dentre os quais se destacam: Reis (2007) e Costa; Seabra (2015). Ademais, também, foram utilizados referenciais que trabalham com a relação entre a Geografia e o Turismo, como Coriolano (2006) e Rodrigues (2011).

Além do auxílio bibliográfico e das entrevistas, produziu-se registros fotográficos dos espaços de interesse do turismo de Raposa; mapa temático de localização da cidade, em que o shapefile utilizado foi obtido através do site do IBGE; e croqui de localização dos pontos de interesse do turismo.

Sendo assim, tais procedimentos foram de suma importância para compreender como o turismo se produz no município, a partir do olhar e da ação de diferentes agentes espaciais. Nesse sentido, a Raposa turística só é possível graças à dedicação de tais agentes em mantê-la e apresentá-la para aqueles que a buscam, vislumbrando momentos de lazer, descontração e aprendizado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cidade de Raposa tem sua dinâmica voltada para a atividade da pesca, da renda de bilro e do turismo, que possui como maior destaque a própria pesca, aspecto facilmente percebido ao se caminhar pelas ruas e avenidas de Raposa, onde é comum visualizar homens sozinhos em grupos sentados nas calçadas ou nas portas das casas, tecendo ajustes às redes de pesca para uma próxima pescaria. Nesse ínterim, afirmam Leite *et al* (2017, p. 29-30):

O turismo no município de Raposa tem como atrativos a culinária específica de restaurantes locais, a pesca, a praia de Carimã, passeios de barco, a compra produtos em rendas e a observação da produção das rendeiras. Por apresentar uma cultura de renda e pesca, a economia do município é gerada através destas atividades, que atraem pessoas de diversas localidades de São Luís e até mesmo de outros estados ou países.

A migração de pescadores cearenses, no início da década de 1950, como mencionado na introdução, foi a responsável pela massiva ocupação da pequena Vila de pescadores, na Praia que iria ser denominada como Raposa, à época distante do Centro de São Luís, dada as dificuldades de locomoção. Assim, afirma Costa; Seabra (2015) a respeito de tal temática:

Em 1958, os estados do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte foram atingidos por uma das mais violentas secas já ocorridas no Nordeste Brasileiro [...]. Ao final de 1958, o total de pessoas atingidas chegava a dois milhões de habitantes, o que levou cerca de duzentas mil pessoas, já sem alternativas, a migrarem para várias outras regiões brasileiras (COSTA; SEABRA, 2015, p. 63-64).

Nessa conjectura, Reis (2007) menciona a respeito da chegada dos primeiros cearenses em Raposa, dentre eles, Zé Martins e Antônio Pucal:

[...] Em 1949, quando os primeiros pescadores se estabeleceram na praia da Raposa, podia-se contar, a princípio, com um rancho de pescadores. O Sr. Antônio e Sr. José Martins resolveram aventurar a vida no Maranhão. Chegando a São José de Ribamar, entraram em contato com o Sr. José Linhares, que os convidou para trabalhar em currais. Algumas pessoas das proximidades já pescavam, como José Cantor, que já havia feito um pequeno barraco para tratar peixes (REIS, 2007, p. 9).

Desse modo, nota-se o quão importante foi a pesca para o crescimento de Raposa. Os que ali primeiro chegaram, trouxeram posteriormente, parentes, amigos, esposas, filhos, para que pudessem recomeçar a vida, dinamizando ainda mais as práticas socioespaciais e econômicas, inclusive percebidas em dias atuais.

O conhecimento da pesca, da elaboração dos produtos feitos de renda de bilro e do próprio turismo é resultado da vivência, do cotidiano, das relações sociais, formando a própria identidade do que é ser de Raposa. Nesse sentido, Claval (2011, p. 82) menciona:

O espaço da vida cotidiana confere um sentido de pertencimento a um grupo local; ele tem um papel central na construção das identidades: somos semelhantes por que nascemos num mesmo lugar, frequentamos as mesmas pessoas, falamos o mesmo idioma, fazemos parte do mesmo grupo.

Destaca-se que a pesca não foi somente fundamental para a própria formação identitária de Raposa. Também é um dos fatores de atração de turistas que visitam à cidade, que buscam essa iguaria nos restaurantes e nos passeios náuticos. Além da pesca, o lazer praiano está vinculado, diretamente, às praias que o município oferece, além dos passeios náuticos.

De acordo com dados obtidos através da Secretaria de Meio Ambiente do Maranhão - SEMA (2020), as praias de São Luís e São José de Ribamar se encontram impróprias para o banho, diferentemente das praias de Raposa, sendo esse um fator de atração para turistas oriundos de São Luís, como afirma o promotor turístico “C”, da Agência “A. T”, de Raposa: “[...] as praias daqui não são poluente, não têm rede de esgoto despejando na praia”.

O lazer praiano também é fonte de renda financeira de promotores turísticos, como “C”. As Agências de Passeio Náutico têm como principal fator de venda os passeios náuticos,

feitos a barco, possuindo como destino indispensável a Ilha de Curupu, percorrendo o criatório de ostras, a Ilha de Hélio Viana, o banho do marisco, as dunas e finalizado na Praia de Carimã.

Assim como a pesca e o lazer praiano, o turismo de compras atrai turistas que andam pelo Corredor das Rendas de Raposa, onde se encontram as lojas/pequenas fábricas de rendaria que produzem e vendem peças oriundas da renda de bilro, servindo como souvenirs que remetem à imagem e a própria identidade de Raposa, caracterizando-se como um turismo de base comunitária. Nesse sentido, Brasil (2010, p. 11) compreende esse termo como:

[...] a oportunidade de inserção de atores sociais e econômicos de assumirem papel ativo na organização da oferta de produtos e serviços em destinos turísticos. Nesta perspectiva, indivíduos de uma comunidade se reúnem para produzir de forma diferenciada; buscando alternativas de sobrevivência econômica na atividade turística, aliadas a outros fatores como a valorização do modo de vida da cultura e/ou a defesa do meio ambiente.

Contudo, conforme entrevistas realizadas em campo, dado às problemáticas vividas no ramo pesqueiro, muitos pescadores migraram para o turismo. Além do mais, o número de vendas de peças feitas de renda de bilro tem caído ao longo dos últimos anos, fazendo com que as mulheres rendeiras de Raposa tenham que conciliar essa atividade com outras funções para complementar a renda financeira.

Dentre essas práticas, enfatizou-se a prática do turismo, promovido por aqueles que habitam a Terra e dela tiram seu sustento, pois é o conhecimento prévio do local em habitam que permite que tais agentes espaciais a mostrem para visitantes do Maranhão, do Brasil e do Mundo.

É um segmento que traz benefícios tanto em termos financeiros, quanto em termos sociais, pois volta-se para a prática social cotidiana do conviver e trabalhar com vizinhos que compartilham da mesma atividade, desse trabalho ao ar livre, refletindo no conjunto de relações com a Terra Raposa e com os demais que fazem ali a vida acontecer. Coriolano (2006, p. 368) descreve que o turismo:

Enquanto prática social é também econômica, política, cultural e educativa, envolvendo relações sociais e de poder entre residentes e turistas, produtores e consumidores. O turismo é simultaneamente ócio e trabalho, produto do modo de viver contemporâneo, cujos serviços criam formas confortáveis e prazerosas de viver, restritas a poucos.

Nesse sentido, tais práticas do turismo em Raposa perpassam o social – a partir das relações humanas ali estabelecidas, relações essas de vizinhança, de parentesco, em que

muitos se conhecem e compartilham daquela Terra suas potencialidades humanas e naturais como uma prática econômica – sendo o turismo um importante setor que emprega e gera renda financeira para os diferentes segmentos.

É ainda uma prática cultural e educativa, pois ambos elementos transcendem o espaço físico, estando presente nos discursos dos promotores turísticos, materializados na renda de bilro, no barco, nos souvenirs, levando Raposa, através dos turistas, a outros espaços seja com suas potencialidades humanas ou naturais.

Desse modo, ao longo das visitas de campo, percebeu-se que muitos turistas são oriundos de São Luís, aspecto evidente pelas placas dos carros estacionados próximos à orla. A frequência dos turistas ludovicenses em Raposa ocorre de maneira massiva aos feriados, aos finais de semana, além das férias escolares.

Esse aspecto é reforçado pelo Secretário de Turismo do município que atribui a presença elevada de ludovicenses em Raposa devido à proximidade, ao baixo custo dos produtos ali servidos e à crise econômica vivida pelo país, que tem afastado turistas de fora do Estado. Pode-se observar, abaixo, parte de suas palavras conseguidas em entrevista:

Mesmo na crise, não houve uma queda considerável (de turistas), porque a crise nos beneficiou. Quem não pode viajar do Maranhão para outros estados viajou dentro do próprio estado. E como Raposa se tornou um destino em evidência, com atrativos de fácil acesso e de baixo custo; então houve um aumento considerável. (Sr. “E”, Secretário de Turismo de Raposa).

No entanto, também se observa a presença de turistas de diferentes regiões do Brasil e de outras partes do Mundo. O que há em comum entre turistas da própria Ilha do Maranhão e aqueles oriundos de outros estados e países é que ambos, em sua maioria, apenas passam um dia em Raposa, para fazer os passeios náuticos programados das Agências de Passeio Náutico. Portanto, o Secretário de Turismo de Raposa menciona o roteiro que o turista percorre quando visita São Luís, deslocando-se para outros municípios:

Ele (o turista) vem para São Luís, ou ele vem para os Lençóis. E assim como as outras cidades da região metropolitana: Raposa, Ribamar, Alcântara, se beneficiam desses roteiros comercializados. Agora a maioria já contempla a região metropolitana. Agora, quando um turista compra um pacote para São Luís, ele visita São Luís, Raposa, alguns visitam Alcântara, outros Ribamar, outros Barreirinhas e retornam para São Luís; e daí voltam para o local de origem. (Sr. “E”, Secretário de Turismo de Raposa).

Esse turismo, que ocorre durante apenas um dia, é mencionado por Coriolano (2006, p. 44) como excursão que “pode ser considerada turismo de vinte e quatro horas para o

visitante, quando ela já é turista”. Sobre esse, ainda menciona a referida autora: “a rigor não precisa de pernoite, basta que esteja em viagem e faça lazer”. Desse modo, prossegue Coriolano (2006, p. 16):

O turismo é entendido como uma atividade econômica bastante expressiva da contemporaneidade, por envolver os espaços naturais e produzidos pelo trabalho e também as pessoas, as que podem viajar e as que recebem os visitantes, ou seja, os turistas e residentes (CORIOLANO, 2006, p. 16).

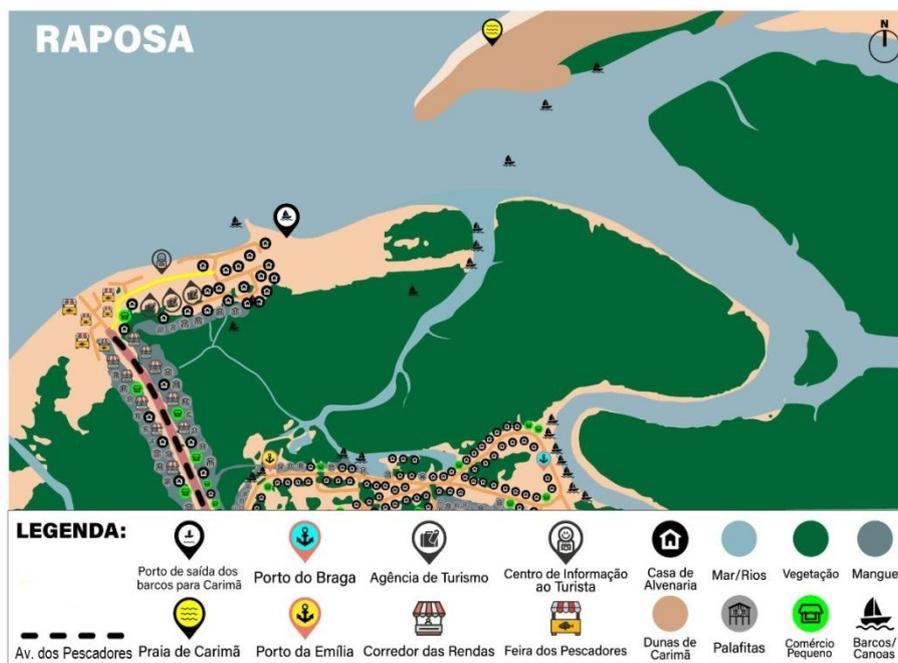
A partir da conceituação de turismo oportunizada por Coriolano, é possível fazer uma correlação com a tipologia de turismo que ocorre em Raposa. A julgar pelas visitas de campo e pelas entrevistas tecidas com os turistas, é possível inferir que procuram as potencialidades naturais ali ofertadas, quase sempre mediadas pelas Agências de Passeio Náutico, assim como também se interessam pelos pescados – servidos nos passeios e restaurantes, além de artesanatos feitos a partir da renda de bilro.

No que concerne à relação da Geografia com o turismo, tomou-se por base o pensamento de Rodrigues (2011), para quem essa relação deve ser compreendida como uma “área de atração (ou receptora)”.

Ainda nas palavras da autora supracitada, “é nestas (áreas de atração) que se produz o espaço turístico ou reformula-se o espaço anteriormente ocupado” (RODRIGUES, 2011, p. 73). É no espaço turístico que se desenvolve um conjunto de relações entre o morador local ou o promotor turístico, que detém o conhecimento desse espaço, e o turista ávido pelo consumo da história, pela cultura e pelos elementos simbólicos ali presentes.

Nesse sentido, tomamos como estudo de campo os espaços onde há intensa circulação de turistas: as Agências de Passeio Náutico, identificadas aqui como Agências “A. T”, “G. T” e “P. N” sediadas nas proximidades da Orla de Raposa; bem como o Corredor das Rendas – na Avenida dos Pescadores – onde estão concentradas as rendeiras, demonstrados na Figura 2 abaixo, incluindo, ainda, outros pontos frequentados por pescadores e rendeiras.

Figura 2 - Croqui demonstrativo onde há presença de Pescadores, Rendeiras e Promotores Turísticos.



Org: O autor. Digitalização por: Hewald (2019).

Percebe-se que há uma semelhança entre as atividades ofertadas pelas Agências de Turismo pesquisadas: os passeios náuticos. Nessas empresas, o roteiro ofertado apresenta três opções de passeio:

De duas horas, com duas paradas para banho: do banho do marisco e das fronhas; o de quatro horas, que passa pelo criatório de ostras, Ilha de Hélio Viana, no banho do marisco e nas fronhas; e o do dia todo, que vai pela Ilha de Curupu, criatório de ostras, Ilha de Hélio Viana, banho do marisco, Praia de Carimã e as fronhas. (Entrevistada “O”, Agência “P. N.”).

A entrevistada “S”, responsável pela Agência “G. T”, relatou que a referida Agência oferece passeios náuticos semelhantes aos ofertados pela empresa de “O”. Segundo “S”, há o “roteiro de duas horas, com o banho do marisco, Ilha de Carimã; tem o de quatro horas, que faz Ilha de Carimã, banho do marisco, criatório de ostras, e tem o dia todo, que a gente fica na Ilha de Curupu”. Ressalta-se que a Ilha de Curupu, onde está localizada a Praia de Carimã, é comumente chamada de Ilha de Carimã.

O entrevistado responsável pela Agência de Passeios Náuticos – a Agência “A. T” – empresa localizada ao lado das demais agências supracitadas, menciona que a agência oferece os seguintes pacotes:

A gente tem três pacote para turismo aqui: o primeiro é de duas horas de duração, com duas parada pra banho, tem um segundo pacote, que é quatro parada para banho, e vai na fazenda da ostra, a gente trabalha criando peixe pro cliente, que é a tradição aqui; prepara camaroadá, caranguejada, vai no gosto do cliente. E tem o terceiro passeio, que é o do dia todo, que o pessoal sai pra Curupu, sai 8:20 e retorna cinco hora da tarde. Tem umas trilhas também, mas a maioria do pessoal [...] quer parar pra tirar foto e comer um peixe grelhado. Quem se interessa por isso é o turista de fora, o japonês, é o coreano, é o italiano, é o francês, é o americano [...] das agência que bota pra nós, que tem convênio com agência. (Entrevistado “C”, Agência “A. T”).

O entrevistado também ressaltou que a empresa possui parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, com o intuito de promover cursos de qualificação para os funcionários, motivados pela presença de turistas estrangeiros que são trazidos pelas Agências de Turismo de São Luís:

A gente fizemo o curso do SEBRAE, e partir do dia 8, teremos curso de inglês, pois agora vai chegar muito turista e eles falam o nosso idioma muito arrastado, né?! Então a gente tem uma dificuldade. A gente quer acabar com isso (com o intérprete), a gente que paga o intérprete. A gente quer aprender a linguagem deles, informar para eles pessoalmente, explicar tudo direitinho, as paradas do banho e explicar pra eles o aratum, conhecer a ostra, o caranguejo, sarnambi, sururu. (Entrevistado “C”, Agência “A. T”).

O mencionado promotor turístico ainda faz críticas à falta de organização do espaço para recepcionar e para situar o turista que se desloca em Raposa: “[...] você vê alguma placa indicando roteiro turístico? Não, né?! Pra você saber, só se você já veio aqui ou só se você procurar. Você percebe pela placa onde se inicia Raposa, deveria estar próximo ao Alphaville (condomínio)”.

Nesse sentido, Silva (2011) também tece críticas a respeito da falta de organização para o turismo:

As belezas naturais do município de Raposa são extremamente favoráveis ao desenvolvimento do turismo ecológico, no entanto [...] o município não está preparado para receber os turistas, há uma ausência completa de infraestrutura e serviços públicos de atendimento ao turista (SILVA, 2011, p. 31).

De acordo com a Entrevistada “I”, promotora turística presente nas proximidades da Orla de Raposa, há muitos promotores turísticos atuando de forma irregular na oferta de tais atividades, prejudicando aqueles que trabalham de forma regular, ao oferecer pacotes turísticos por um preço convencionalmente acordado ali. Tais empreendimentos regulares, para “I”, são registrados como livre empresa no Cadastro dos Prestadores de Serviços Turísticos -CADASTUR, e também no Serviço Social do Comércio - SESC, como

microempreendedores. Tal como é possível conferir no encarte promocional da Prefeitura de Raposa, há 11 agências de turismo mencionadas para exercer tal função.

Entre esses que trabalham como promotores turísticos, muitos já atuaram no ramo da pesca ou da renda. Essa particularidade é narrada pelo condutor de embarcação turística, na qual foram feitas mudanças no barco da pesca para que pudesse transportar turistas para o passeio náutico:

O barco ele é todo feito de madeira [...] apropriada para esse tipo de embarcação. Esse barco ele foi construído pra navegar em alto mar, aí com o decorrer do tempo resolveram botar ele pro turismo. Ele foi todo ampliado, desmanchado, fizeram outro tipo de estrutura [...] barco de pesca é um nível, barco de turismo é outro nível. (Entrevistado “Z”, condutor de embarcação turística).

Dentre os que mudaram de profissão, da pesca para o turismo, o entrevistado responsável pela Agência “A. T.” citou os motivos pelos quais abdicou da pesca, transferindo-se para a atividade turística: muitos barcos em Raposa não possuem a estrutura necessária para angariar outros mares, pelo alto custo em mantê-lo, e pela fartura de peixe, que anda em baixa. Assim, ele se coloca:

É porque a pesca ela hoje tá muito escassa aqui no município de Raposa, na costa maranhense aqui. Um barco hoje sai passa mais ou menos 12 dia, 15 dia, pescando pra poder chegar não pegar 300 kg de peixe. E a despesa é muito grande. Um barco pra sair, um barco de 500 kg, 700 kg, por exemplo, a nossa era 700 kg, pra sair para pescar, você gastaria 2.000, 2.500, 2.300, pra poder ela sair para uma pesca, pescaria, incluindo vale, rancho, gelo. (Entrevistado “C”, Agência “A. T.”).

A responsável pela Agência “G. T.” também mudou da pesca para o turismo. Em entrevista, expôs que: “a gente trabalhava com pesca. Aí a gente começou a ver que tava crescendo o turismo aqui, aí a gente resolveu mudar de pesca para turismo”. Tal fato ocorreu há alguns anos, e afirma não ser coerência sair do ramo de trabalho no qual se encontra atualmente.

A responsável pela Agência “P. N.” afirma que já trabalhou com a renda de bilro. Contudo, decidiu mudar para o ramo do turismo, dada as facilidades em manter o contato com a natureza e permanecer ao ar livre em contato com os turistas, o que lhe rende bons diálogos:

Hoje eu me encaixo no passeio que no artesanato. Não que não dê, mas é porque o artesanato ele prende muito a pessoa, você tem o horário de fechar a loja, você tem de trabalhar ou que chova ou que faça sol, você tem que tá lá na loja. Com os passeios náuticos, não. É quatro horas de duração, terminou [...]. E também você trabalha ao ar livre, você vê a natureza, você se diverte ao mesmo tempo, você trabalha, mas se diverte, você não fica preso só em quatro paredes [...]. (Entrevistada “O”, Agência “P. N.”).

No que diz respeito às mulheres rendeiras de Raposa que ainda se mantém nesse ramo, percebeu-se um profundo conhecimento da atividade que desempenham e que, também, possuem laços com o estado do Ceará. Esse ramo de atividade é um fator de atração de turistas, que ali sentem, experimentam e visualizam as produções feitas pelas rendeiras, ilustrada na Figura 3, abaixo.

Figura 3: Lojas de Renda.



Fonte: o autor (2018).

Contudo, percebeu-se, durante as visitas de campo, o fechamento de algumas lojas no trecho do Corredor das Rendas. Levantou-se assim a possibilidade de haver uma diminuição das mulheres que trabalham com a renda, aliada à queda de compradores, em sua maioria, os turistas. Tais questionamentos serão explanados abaixo.

A origem da renda, de acordo com a Entrevistada 1, pode ter sido portuguesa ou francesa. Ela relembra que turistas franceses passaram em seu comércio e comentaram que há algumas diferenças, principalmente no que tange aos instrumentos de trabalho utilizados pelas rendeiras. Aqui, os instrumentos são naturais (coco, tucumã, espinho do mandacaru e palha da bananeira), adaptados ao modo de vida de Raposa.

Ainda a respeito da renda, a Entrevistada 2 declarou que é filha de cearenses e que aprendeu a fazer renda com a sua mãe. Ela também narrou que “nós temos o nosso próprio jeito de trabalhar, a renda veio de lá, mas ela é diferente da nossa”. Assim prossegue:

(A linha usada no Ceará) é uma linha grosseira, igual à linha que a gente trabalha aqui; os acabamentos, a própria confecção, quando vêm, vêm se desmanchando todo [...]. A renda do Ceará já tem o modelo dela [...] só tem um padrão, pode ser o que for: camiseta, vestido [...]. E eu sempre bato nessa tecla com as nossas rendeiras aqui: vamos mudar os modelos, [...] o tipo de renda, pra ver se diferencia a nossa renda pra renda delas. (Entrevistada 2, rendeira).

A renda de bilro de Raposa não se encontra somente na cidade. Ela é comercializada em outros espaços, como menciona a Entrevistada 2. Também é comercializada em eventos e exposições de feiras no Centro Histórico de São Luís, no Centro de Comercialização de Produtos Artesanais - CEPRAMA e em Shoppings Centers de São Luís e São José de Ribamar.

Além dos espaços citados, a renda de Raposa já foi comercializada em outros estados e países, através de terceiros, nesse caso, os atravessadores. Segundo a Entrevistada 2, esses revendem a renda em locais desconhecidos por ela, mas tem o conhecimento de que a sua renda já foi revendida em Paris, França.

De acordo com o que foi levantado entre as rendeiras entrevistadas, no que se refere à renda de bilro, o público que a consome é, em sua maioria, composto de turistas que viajam para São Luís e que, durante a estadia na capital, ouvem a respeito de Raposa, e na ocasião, consomem os produtos ali oferecidos.

Nesse sentido, a renda de bilro, tradição de décadas, se revela como um meio para a aquisição da própria renda financeira. De acordo com Boahid (2012, p. 46):

No município de Raposa-MA, os principais benefícios econômicos gerados pela atividade, são claramente vistos, principalmente no que tange à participação da comunidade no comércio, pois, por mais que seja de maneira informal, ocorre, como podemos destacar as atividades das rendeiras, a confecção de seus produtos que são realizados ali mesmo, em suas próprias casas, comercializando seus produtos artesanais e consequentemente desta forma retirando benefícios econômicos para toda a família.

Contudo, as rendeiras entrevistadas relatam que “as vendas estão baixas”, por, principalmente, falta de incentivos do governo. Por outro lado, lembram com saudosismo dos “tempos de antigamente”, nos quais “as vendas caminhavam de vento e polpa”. Sobre esse assunto, atentemos ao seguinte depoimento:

Tem caído muito, a falta de incentivo, né?! Tem gente que chega aqui e nem sabia que tinha renda, o guia que trouxe do hotel. Tá faltando isso, o incentivo, no hotel, nas cidades grande, mandar fotos, filmagem da renda, um conhecimento primário, profundo, porque antigamente vinha mais, muito. (Entrevistada 3, rendeira).

Percebeu-se que, a partir do depoimento da rendeira supracitada, há uma queixa acerca da falta de divulgação das potencialidades turísticas e culturais de Raposa. De acordo com as rendeiras entrevistadas, o período no qual houve um turismo acentuado em Raposa ocorreu entre os anos 80 e 90 quando o Governo Federal fez uma intensa campanha de marketing para atrair turistas para a cidade:

Antigamente, quando eu era mais nova, nos meus 10 anos, 8 anos, assim que eu comecei a aprender a fazer renda, eu via a loja da minha avó com muito turista. Isso era anos 90. Nesse tempo, era muito turista. Era todo dia; todo dia tinha turista na cidade de Raposa. [...] tinha mais divulgação, tinha mais coisa nova, [...] era muito divulgado, tanto a renda quanto a cidade, as praia. Hoje é divulgado, mas não tá sendo tanto quanto antigamente. Todo dia tinha uma reportagem das rendeira no jornal. Agora hoje, nem tanto. (Entrevistada 4, rendeira).

Nesse sentido, para que o conhecimento de uma cultura e suas práticas alcancem novos espaços, e com isso obtenha uma potencial fonte de recursos financeiros, se faz necessário um amplo marketing para atrair novos consumidores. Tal fato, que antigamente gerava maior renda financeira entre as rendeiras, já não é tão observado nos dias atuais, aspecto que gerou muitas críticas entre os agentes espaciais entrevistados. Isso pode ser confirmado nas palavras da Entrevistada 3: “vivo com muita dificuldade, porque assim, não tem aquela venda como antigamente [...]”. Nesse sentido, Vargas (1998, p. 15) menciona a respeito da importância do marketing enquanto elemento que vem a consubstanciar o turismo em suas múltiplas dimensões:

O marketing do lugar é frequentemente responsabilidade do setor público, isoladamente ou em conjunto com a iniciativa privada, podendo envolver tentativas para influenciar outros aspectos do comportamento de grupos, além da criação de uma imagem ou da venda do lugar para turistas, procurando atingir objetivos políticos, sociais e econômicos.

Nota-se que a falta de visibilidade das rendeiras em outros espaços conduz a um não conhecimento prévio das potencialidades culturais e turísticas de Raposa, não havendo, desse modo, um maior fluxo financeiro para manter as famílias:

A Raposa é um lugar muito escondido. Antigamente vinha muito turista, mas agora não vem mais. E o pessoal que mora aqui mesmo que são raposense, que são aqui da Terra, eles não se volta pra fazer a renda. Tipo, as mulheres, é tipo assim, umas são pescadoras, mas já são daqui não são do Ceará como veio à geração. Então quem só faz a renda é gente tipo daqui, só que os cearenses (descendentes). (Entrevistada 4, rendeira).

Além da pouca divulgação, outro fator que prejudica a comercialização e a manutenção da tradição da renda é a falta de interesse das gerações mais novas no aprendizado da rendaria, como relataram diversas rendeiras entrevistadas. Acerca dessa problemática, a Entrevistada 4 afirma:

[...] Eu acho que (se) tivesse mais rendeira, tinha mais turismo e era mais reconhecido a nossa renda. Porque elas acham que dá muito trabalho e não rende. Tem umas que abrem seu próprio negócio, [...] mas só que não rende, porque logo o turismo tá muito fraco. A gente passa muito tempo pra fazer uma peça de renda, quase um mês pra fazer um vestido, uma blusa, e tem gente que não reconhece o nosso trabalho. Aí como o turismo tá mais fraco, o dinheiro também fica fraco, que tipo assim, a gente depende, que é rendeira depende deles pra fazer a renda, pra comprar o material pra poder fazer a renda. Ai tem algumas que não faz porque não rende. Por causa do divulgamento. Tá faltando divulgamento. É só isso que precisa. (Entrevistada 4, rendeira).

A Entrevistada 1, também presente em sua loja no Corredor das Rendas, apontou que sua filha não possui o mesmo empenho pela rendaria, assim como ela própria possuía quando era jovem. De acordo com a Entrevistada 1, seus filhos não possuem interesse em trabalhar com a pesca, tampouco com a renda. Inclusive, destaca um importante parecer de sua filha lhe disse: “mãe, a senhora luta demais, mas não vejo retorno”.

Ainda conforme as entrevistas realizadas, a insegurança da recessão econômica, a falta de organização no município e a falta de incentivos por parte do governo são fatores acarretam no fechamento de lojas de renda em Raposa. Sobre essa questão, o Secretário de Turismo de Raposa atribui à crise econômica que atinge o Brasil desde 2015. Acerca dessa temática, ele explana:

Houve um decréscimo no número de lojas, tá?! Nós chegamos a ter vinte e nove lojinhas de artesanato e hoje tem vinte e duas, houve aí uma perda, [...] em função da crise. Porque o turismo interno, o ludovicense, o pessoal da região metropolitana, o pessoal das cidades mais próximas, que nos finais de semana trazem excursões pra cá, até mesmo da região sul do estado [...], que vieram para São Luís, vem pra Raposa, já tem um perfil diferente: é aquele que não vai comprar o artesanato. (Sr. “E”, Secretário de Turismo de Raposa).

Como muitas rendeiras mencionaram a diminuição das vendas, levantamos a hipótese de possuírem outros serviços para a complementação da renda doméstica, aspecto mencionado por algumas delas, como a Entrevistada 2, que declarou: “eu não vivo só da renda, eu sou professora, eu trabalho pela manhã, e é por isso que lá só é aberto à tarde [...]”. Muitas têm como fonte de renda principal a renda, porque não tem outra fonte, mas boa parte delas é um complemento”.

Outra rendeira, a Entrevistada 3, já trabalhou como marisqueira e é aposentada nessa função. Hoje, além dos proventos da aposentadoria, complementa sua renda familiar com a renda de bilro: “meu marido que também trabalha com peixe, eu também sou aposentada, Graças a Deus. Uma coisa ajuda a outra”.

Também há rendeiras que se dedicam somente à rendaria, como é o caso da Entrevistada 5:

Eu sobrevivo somente da renda. [...] A minha sobrevivência da renda ela se torna mais razoável porque eu trabalho muito e eu faço muita renda, então quanto mais produto eu tenho, mais produto eu tenho pra vender. Então, a minha vida é razoável em questão de renda. Dá pra sobreviver, e satisfeita. (Entrevistada 5, rendeira).

Outro ponto mencionado pelas rendeiras diz respeito ao período em que há maior movimento de turistas e de vendas da renda de bilro, compreendido entre os meses de junho, julho, agosto, setembro e fins de semana.

Outro fator é o prazer e a satisfação em trabalhar com a rendaria, algo enfatizado pelas entrevistadas. Além de ser uma atividade transmitida pelos pais ou avós, a rendaria traz um senso de identidade enquanto mulher rendeira, mulher da sua Terra (Raposa), como menciona a Entrevistada 5: “continuei pela tradição, pra deixar a tradição da minha família viva”. Assim, Paiva (2012, p. 1021) afirma que “o espaço mercadoria do turismo não se explica apenas pelo valor do uso e de troca, mas cada vez mais pelo valor simbólico, que possibilita expressar valores culturais e sociais e a segmentação dos gostos”.

Desse modo, a produção da renda de bilro não ocorre somente pela obtenção financeira. Outros elementos simbólicos, como as tradições e o lazer, também fazem parte da manutenção da elaboração da rendaria, como afirmam Santos; Lopes (2017):

A partir das pesquisas feitas no município de Raposa, bem como das pesquisas complementares realizadas, pudemos constatar que a tradição rendeira da cidade vai muito além de uma fonte de renda em si mesma, ou de complementação de renda: é, também, e não menos importante, uma manifestação da própria identidade cultural e social das mulheres daquela cidade, e, ainda, um caminho de empoderamento das mulheres que não ficam reduzidas às funções do lar, mas ajudam de maneira ativa no motor que gira a produção de renda na cidade. (SANTOS; LOPES, 2017, p. 77).

A partir das críticas, nota-se que se faz necessário, por parte do poder público, um maior investimento voltado a atender o interesse das rendeiras, a maior divulgação das potencialidades turísticas de Raposa, nas quais se inclui a renda de bilro, valorizando assim essa tradição que já dura décadas no município, além de fomentar a renda financeira, a empregabilidade e o reconhecimento da profissão.

Como explicitado, o perfil do turista que visita Raposa é, em sua maioria, aquele turista excursionista, que possui interesse na aquisição de artesanato, como também na culinária e nos passeios pela Ilha de Curupu. A Entrevistada 6, que trabalha no Centro de Informação ao Turista de Raposa, no que diz respeito aos turistas, ressalta: “eles sempre vêm através dos passeios [...]. Geralmente, têm os passeios de duração de uma, duas e de quatro horas, e também tem a culinária, as rendeiras [...] a gente sempre informa isso [...]”.

Nesse sentido, foram obtidos dados na Secretaria de Turismo do Maranhão (SETUR/MA), no que diz respeito à origem dos turistas que visitaram Raposa, entre março de 2018 e março de 2019. Percebe-se, através dos referidos dados, que os turistas que visitam Raposa são originários de determinadas cidades do Maranhão, do Brasil e do mundo.

No Maranhão, destaca-se São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar, Caxias, Açailândia, Imperatriz, Pinheiro, Bacabal, Urbano Santos, Barreirinhas, Tutóia, Colinas, Zé Doca, Chapadinha, Santa Inês, São Mateus, Bacuri, Viana, Balsas, Coroatá, Barra do Corda, Humberto de Campos, Timon, além de próprios moradores de Raposa.

De acordo com dados da SETUR/MA, no período de março de 2018 a março de 2019, Raposa recebeu turistas de todos os estados brasileiros, com exceção dos estados do Acre e Mato Grosso do Sul.

Entre os turistas internacionais, há nacionalidades como alemã, argentina, canadense, estadunidense, espanhola, britânica, paraguaia, colombiana, japonesa, holandesa e francesa, entre março de 2018 e março de 2019, com dados obtidos pela SETUR/MA, pelo referido período de tempo supracitado.

Dentre os turistas, a Entrevistada 7, cidadã belga, acompanhada por duas amigas ludovicenses, comenta: “Eu não sei muito sobre aqui, pois é a minha primeira vez e nós fizemos o passeio de barco por três horas, e eu não vou levar algo daqui, pois estou em São Luís” (tradução nossa).

Ainda segundo a entrevistada, não possuía conhecimento sobre Raposa, mas soube por intermédio das suas amigas, com as quais está hospedada em São Luís. A Entrevistada 7 e suas acompanhantes permaneceram somente durante o passeio de barco em Raposa, voltando em seguida de carro para São Luís.

A Entrevistada 8, uma das acompanhantes da Entrevistada 7, relatou que a trouxe para Raposa pois tinha interesse em mostrar “nossa terrinha pra pessoa que é de fora, a nossa beleza natural”, sem diferenciar, na sua fala, Raposa de São Luís.

Outro entrevistado estrangeiro, o Entrevistado 9, conta que aquela viagem é a sua terceira, nas quais passa apenas um dia. Leva para seu país, como souvenir, o artesanato, a

renda. Comparou a atividade da renda com a mesma de dez anos atrás que, em sua visão, diminuiu bastante. Mas que Raposa ainda lhe traz boas e belas paisagens.

Entre turistas nacionais, a Entrevistada 10 estava acompanhada de dois amigos. Vieram do Rio de Janeiro durante o período junino, para conhecer as festividades de época, fazer trilha nos lençóis e escolheram um dia livre para conhecer Raposa. Souberam do município “por indicação, por moradores lá do Centro da cidade de São Luís. Tô apaixonada e a minha amiga também”. Ambas se deslocaram para Raposa através de transporte por aplicativo. Sobre a permanência, só fizeram um bate-volta e estavam ansiosas para assistir o pôr do sol e tirar fotos como recordação desse que se tornou um lugar especial para a Entrevistada 10, refletido no desejo em retornar, em uma próxima oportunidade, à Raposa e ao Maranhão.

CONCLUSÃO

Ao que se pode apurar, o turismo em Raposa se revela por uma dinâmica territorial singular, no qual o artesanato de renda de bilro e a pesca, aliados à oferta dada pelos outros recursos naturais, como as praias e os passeios náuticos, tornam-se um conjunto de potencialidades humanas e naturais voltadas para a atividade econômica e social, voltado para a obtenção de renda financeira daqueles que ali trabalham.

Dessa maneira, dentre os promotores turísticos das Agências de Passeio Náutico entrevistados, percebe-se que reconhecem as potencialidades naturais do lugar e dele fazem uso para obter os recursos capazes de gerar a sobrevivência e a vivência de múltiplos modos de existir. Apontaram, ainda, as problemáticas relacionadas à pesca e a renda de bilro, que os fizeram mudar para o ramo do turismo.

Já as mulheres rendeiras reconhecem a importância de tal atividade no contexto social da própria formação do município, herança oriunda do Ceará. O contexto econômico também se mostrou de suma importância, já que é responsável por seu sustento. Contudo, apontaram as problemáticas enfrentadas, como a falta de divulgação do turismo em Raposa e a crise econômica, que impacta diretamente em suas vendas, sendo constatado que, algumas delas possuem dupla função, para complementar a renda financeira.

Percebe-se, desse modo, que aqueles que migraram para o turismo o fazem por múltiplas razões. Seja pelo simples prazer em manter o contato com a natureza que é ofertada em Raposa, ou até mesmo pelo alto custo que a pescaria enseja. Nesse ínterim, o que possibilita a sua migração é o conhecimento acerca do município de Raposa e o

reconhecimento da importância que tal atividade representa em suas vidas sociais e financeiras. Esse conhecimento é o resultado dos anos em que ali vivem, sendo compartilhado com aqueles que desejam conhecer uma Raposa múltipla de significados, tradições e potencialidades naturais.

Pelo que se pode perceber, apesar das problemáticas enfrentadas, o conhecimento da Terra favorece a atividade turística, uma vez que as pessoas do lugar sentem-se seguras para mostrar e realçar a Raposa turística. Ser de Raposa é reconhecer as potencialidades ali encontradas para a manutenção de antigas tradições, aliando-as ao aspecto financeiro. Os relacionamentos se revelam tranquilos entre colegas de profissão e com os turistas, na tentativa de trazer para Raposa àqueles que buscam um turismo comunitário, feito por pessoas locais, com características únicas e simbólicas, que usam dos seus conhecimentos dessa Terra para sobreviver e fazer com que a vida ali aconteça.

REFERÊNCIAS

BOAHID, L. C. M. **Município de Raposa – MA: um estudo sobre a inserção da comunidade na atividade turística por meio da qualificação profissional.** São Luís, 2012.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública.** Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CLAVAL, P. Terra dos Homens: a geografia. **GEOUSP – Espaço e Tempo.** São Paulo, nº 29, p. 80 - 86, 2011. Disponível em: file:///C:/Users/WINDOWS/Downloads/Terra_dos_homens_a_Geografia_uma_apresentacao.pdf. Acesso em 27 de novembro de 2020.

CORIOLOANO, L. N. M. T. **O turismo no discurso, nas políticas e no combate à pobreza.** São Paulo: Annablume Editora, 2006.

CORIOLOANO, L. N. M. T. Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. En publicación: **América Latina: cidade, campo e turismo.** Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. San Pablo, Diciembre 2006. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/21coriol.pdf>. Acesso em 23 de novembro de 2020.

COSTA, R. P.; SEABRA, M. C. T. C. de. **As palavras sob um viés cultural: o léxico dos pescadores da Raposa, Maranhão.** São Luís: Editora UEMA, 2015.

IBGE. **Panorama populacional de Raposa referente ao ano de 2019.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/raposa/panorama>. Acesso em 20 de junho de 2020.

LEITE, C. A. S.; MARTZ, D. F.; SILVA, M. E. F. O município de Raposa no Maranhão: da construção histórica e cultural aos efeitos atuais da urbanização. IN: MELO, J. C. (Org.). **(Re)descobrimo o município de Raposa através do PET: conexões dos saberes, pesquisa e extensão em espaços sociopedagógicos**. São Luís: EdUFMA, 2017, p. 19 -35.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

PAIVA, R. A. O turismo e as práticas socioespaciais. **Revista Turismo e Desenvolvimento**. Nº 17/18, 2012. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9612/1/2012_art_turismo.pdf. Acesso em: 23 de novembro de 2020.

REIS, J. R. S. dos. Cidade de Raposa: encanto das águas. **Revista A Biana**. Edição 01. Ano 01. Fevereiro de 2007. Raposa, 2007.

SANTOS, J. O. N.; LOPES, A. R. S. Artesanato e Cidadania: a produção de rendas no município de Raposa-MA e a importância do amparo legal para o desenvolvimento da atividade no município. IN: MELO, J. C. (Org.). **(Re)descobrimo o município de Raposa através do PET: conexões dos saberes, pesquisa e extensão em espaços sociopedagógicos**. São Luís: EdUFMA, 2017, p. 75-85.

SEMA. **Relatório de Balneabilidade das Praias de São Luís e São José de Ribamar**. Disponível em: <http://legislacao.sema.ma.gov.br/arquivos/1584732320.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2020.

SETUR/MA. **Dados impressos sobre o Turismo em Raposa – MA, entre março de 2018 e março de 2019**. Disponível na própria instituição. Acesso em julho de 2019.

SILVA, N. **Cidade de Raposa: análise geográfica do espaço socioambiental**. São Luís: NS Editor, 2011.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.

RODRIGUES, A. A. B. Geografia e Turismo – notas introdutórias. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, 6, p. 71-82, 2011.

VARGAS, H. C. Turismo e Valorização do Lugar. **Turismo em Análise - ECA-USP**. São Paulo, Vol. 9(1), p. 7-19, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63421/66164>. Acesso em 25 de novembro de 2020.